

“O conceito de discussão filosófica em Matthew Lipman”

Renata Peixoto Queiroz (bolsista UNI-BH)

Orientadora: Maria Teresa Cardoso de Campos

A proposta educacional de Filosofia para Crianças foi desenvolvida pelo educador e filósofo Matthew Lipman e sua colaboradora Ann Margareth Sharp, nos Estados Unidos, em 1970. O trabalho de Lipman foi recebido inicialmente com ceticismo, mas hoje seus programas são adaptados e aplicados em 50 países, sendo que, no Brasil, teve início em janeiro de 1985.

Lipman apresenta passos de um método orientado para ensinar as crianças a pensarem por si mesmas. Em vez de forçar os alunos a decorarem nomes de filósofos e suas doutrinas, aposta no diálogo e no conhecimento em grupo, que acaba por gerar o que denomina “comunidade de investigação” a partir de histórias que tematizam o cotidiano e situações familiares às crianças. A metodologia utilizada no programa procura fazer com que os alunos participem de discussões, expondo suas idéias, ouvindo atentamente e comentando, o que amplia a capacidade de apresentarem razões para o que dizem e pensam. Eles são dispostos em círculo, para facilitar o diálogo, e trabalham temas levantados a partir da leitura de textos, apresentados sob forma de novelas filosóficas, que se destinam a alunos do ensino infantil ao ensino médio.

Nesse processo, o professor desempenha um papel muito importante, pois deixa de ser um transmissor dos conteúdos e passa a ser um orientador no que se refere à busca das necessidades intelectuais dos educandos. Ele torna-se, assim, um facilitador do raciocínio, do pensamento coletivo e individual.

Acreditamos que “filosofia”, “comunidade de investigação” “discussão filosófica” e o “pensar” são os conceitos básicos da proposta de Lipman. Sabemos que a filosofia, por muito tempo, foi considerada algo extremamente elaborado; um saber baseado em textos escritos, no rigor do processo de investigação e em busca de conceitos e da verdade. Desse modo, jamais se poderia pensar que crianças, cada uma expressando seus pontos de vista através de discussões, estariam no terreno da filosofia. Sócrates foi o primeiro a considerar a filosofia como um modo de vida, que poderia ser acessível a qualquer pessoa, inclusive a crianças, considerando ser esta, entretanto, uma tarefa muito difícil. O que importa ressaltar é que, para Lipman, as ponderações das crianças são tão importantes e filosóficas quanto as ponderações dos filósofos ou dos adultos.

Lipman defende que a filosofia na escola deve ser motivadora, compreensível e interessante às crianças, não admitindo mais o ensino desta matéria nos moldes tradicionais. Acredita em uma nova pedagogia alicerçada no que denomina “comunidade de investigação”

Santana e Mandel se expressaram muito bem a esse respeito:

“A Comunidade de Investigação é o espaço onde, em conjunto, as crianças têm as condições e a oportunidade de investigando, aprenderem a investigar. A partir de um tema de interesse mútuo (...), que envolva uma questão aberta (...), as crianças

investigam dentro de uma estrutura reciprocamente igualitária (...) em busca de qual seja a 'melhor' resposta para a questão, avaliando e julgando, enquanto comunidade, quais os critérios que serão levados em conta e porque são estes e não outros os critérios. Essa escolha e avaliação constante dos critérios utilizados permite à Comunidade de Investigação ser autocorretiva. Também permite que a investigação siga para onde a questão levar, e não para onde alguém queira que ela vá ou chegue.^{7 1}

A experiência de uma comunidade de investigação exige algumas regras para que cada criança fale e seja ouvida, e isso representa uma conquista constante. Trabalhar nessa perspectiva, possibilita o surgimento de condições, tanto para o educador quanto para o educando, de tornarem-se pessoas reflexivas, autocorretivas e autocompreensivas, enquanto indivíduos e enquanto grupo; além de tornarem-se criticamente conscientes dos significados e temas que exercem influência em suas vidas cotidianas.

Nesse contexto, cada participante encontra-se envolvido e é tratado com respeito, o que favorece o diálogo investigativo, instrumento indispensável para a transformação da sala de aula em uma comunidade de investigação.

Porém, não podemos afirmar que todos os tipos de diálogos estejam na base de uma comunidade de investigação. Geralmente pensamos que a boa discussão depende da sorte. Isto não é verdade, pois é possível promovê-la. É preciso, porém, que antes de mais nada saibamos exatamente o que estamos buscando.

Para Lipman, o diálogo é reflexivo, disciplinado pela lógica e está voltado para questionamentos filosóficos. É democrático e cooperativo, crítico e criativo, instigador e investigativo, autocorretivo e ordenado. Desse modo, toda conversa sem conteúdo significativo é mera conversa. Esta pode até suscitar comentários de vários participantes, mas não é construtiva. Em uma discussão filosófica, não importa se ao final os participantes cheguem a um acordo ou a um completo desacordo. O que é relevante é que as contribuições de cada um se relacionem e se reforcem.

As características essenciais de uma discussão filosófica, segundo Lipman, são: é não doutrinária; não autoritária; os participantes aprendem uns com os outros, existindo o máximo possível de diálogo entre alunos ao invés de um diálogo restrito a aluno e professor; preocupa-se em esclarecer significados; em descobrir suposições e pressuposições; é radical; analisadora de conceitos e também investigadora das implicações das idéias e das conseqüências que têm para a vida humana. Além disso, é abrangente, cumulativa, incentivadora do desenvolvimento de modos alternativos de pensamento e imaginação, preservando os valores do raciocínio e da investigação.

A discussão filosófica preocupa-se com o esclarecimento de conceitos e com a busca de definições claras, mas isso não significa necessariamente que esse tipo de discussão se preocupa somente com o esclarecimento de significados, uma vez que é também uma fonte fértil de idéias.

É preciso ainda sublinhar que a discussão filosófica diferencia-se da discussão científica e da religiosa. As questões de uma discussão científica necessitam da autoridade da evidência empírica. Geralmente, estão voltadas para questões factuais e suas teorias são passíveis de serem respondidas a partir de descobertas relevantes, de informações obtidas por autoridades científicas, de observações e, ainda, de experimentos ou observações dos fatos.

Já as perguntas relativas a crenças religiosas não podem ser respondidas por evidências empíricas, pois não exploram os fundamentos em que se apoiam, ou seja, não buscam significados ou definições claras. Uma discussão religiosa informal, realizada pelas crianças, consiste em comparar, contrastar seus sentimentos e pensamentos, geralmente não envolvendo a busca de significados e definições.

Um dos objetivos do programa de Filosofia para Crianças é ajudar as crianças a serem indivíduos mais reflexivos, a fazerem mais considerações, a serem mais razoáveis e, sobretudo, a transformarem o ato de pensar em bem pensar. Apesar do pensamento ser uma capacidade natural, é possível que haja interferências para que se pense mais, reflexivamente e criteriosamente, uma vez que existem maneiras de pensar mais eficientes que outras e pensamentos mais habilidosos que outros. Segundo Lipman, o pensar é a habilidade por excelência que nos possibilita captar significados e estes não podem ser transmitidos, dados, já que precisam ser adquiridos, captados em experiências relevantes para a vida.

Para finalizar, podemos perceber que, na proposta de Filosofia para Crianças, a discussão filosófica ocupa posição central, pois sem ela o processo de investigação não ocorre, assim como o desenvolvimento do pensar crítico e criativo, o que dificulta o aprimoramento do pensar superior mais elaborado. A aprendizagem acolhe assim as experiências e opiniões dos educandos que, afinal, constituem fonte legítima de idéias e conhecimentos. Ao explorarem a fundamentação de suas idéias, crenças e o que isso acarretaria para suas vidas, as crianças desenvolvem o pensar por si mesmas, amadurecendo a capacidade de julgar e de se autocorrigir.

Os efeitos que este programa pode exercer sobre emoções, interesses, atitudes ou outros elementos do desenvolvimento pessoal das crianças não têm aferição científica. Mas o que tem sido observado é que, através desse programa, elas passam a adquirir maior consciência de que existem outras personalidades, interesses, valores, crenças e preferências, aumentando consideravelmente sua sensibilidade e sua capacidade de julgamento em relação aos outros indivíduos.

NOTAS

1. MANDEL, Sylvia, SANTANA, Isabel. *Comunidade de investigação e pré-escola*, obtido via Internet. <http://ribeiro.futuro.usp.br/bibvirt/acervo/paradidat/pensar/pensar2-1.html>, 1998(at.).